

O Feminismo e sua Imagem Invertida da Mulher

Jaciara Veiga*

A questão da mulher vem sendo tratada pelo feminismo¹ como um problema de relação entre os sexos, no qual a mulher aparece sempre como um ser “oprimido” e subjugado e o homem como um ser “opressor” e dominador. Ao criticar o reducionismo sexista, o feminismo acabou por gerar um reducionismo feminista apresentando, de um lado, a mulher apenas em sua diferenciação com o homem e nunca em sua semelhança, e do outro, evidenciando apenas as semelhanças entre todas as mulheres, mas nunca suas diferenças. Dessa forma, o feminismo “falseia a realidade e cria uma ‘imagem invertida’ da mulher” (ANDERSON, 2021, p.24).

Ainda assim, o feminismo é conhecido como o movimento de mobilizações das mulheres (seja através da produção intelectual, de manifestações, de reivindicações sob diversos meios etc.), quando, na verdade, ele é uma ramificação do movimento feminino. Este último, por sua vez, é um movimento social que tem como grupo social de base o das mulheres, e cuja unidade se dá pela corporeidade que, nas sociedades classistas, gera uma situação social de subordinação, sendo uma das suas principais insatisfações e razão para sua emergência. Todavia, o movimento feminino não é homogêneo, ele está dividido em classes sociais, entre outras divisões e subdivisões, promovendo no interior do próprio movimento diferentes representações, concepções, ideologias, organizações, tendências etc., derivando daí diversas ramificações. As ramificações, entretanto, são distintas do movimento feminino, logo, não devem ser vistas como o movimento em sua totalidade, mas como uma parte dele (VIANA, 2016, VEIGA, 2019).

Os movimentos sociais são mobilizações (ações coletivas ou compartilhadas) de determinados grupos sociais derivadas de certas situações sociais que geram insatisfação social, senso de pertencimento e determinados objetivos. Os movimentos sociais podem gerar ramificações, tais como doutrinas, ideologias, teorias, representações, organizações informais ou formais, tendências etc. Essas ramificações não se confundem com eles, são partes e não o todo e que podem deixar de ser, como uma organização que se autonomiza e passa a ter interesses próprios ou uma

* Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás; e-mail: jaciara.veiga@gmail.com.

¹ Utilizamos o termo “feminismo” em sentido amplo, englobando o conjunto de ideologias e doutrinas feministas. Isso significa que não estamos abstraindo as diversas concepções feministas, mas apenas tratando do que é comum a todas as concepções (mesmo que divergindo em certos aspectos e se contrapondo sob várias formas).

concepção de um autor que ganha um desenvolvimento que rompe com o seu vínculo com o movimento social (VIANA, 2016b, p. 43).

O feminismo, enquanto ramificação do movimento feminino, está ligado a ele, é parte dele. Apesar disso, se difere do movimento feminino em geral, não apenas em suas manifestações (ideologias, doutrinas, imaginários), mas também por estas serem produto das mulheres da classe intelectual e outras classes próximas. Além de ser uma ramificação do movimento feminino, ele também tem mais destaque e hegemonia nos meios acadêmicos, políticos e comunicacional, pois as mulheres das classes superiores têm mais recursos, mais acesso à formação e informação, permitindo-lhes maior bagagem cultural; têm também acesso a políticas culturais, a financiamentos de pesquisa pelas mais variadas empresas capitalistas, fundações e organismos internacionais, possibilitando, assim, ter uma estrutura organizativa maior, bem como conseguir convencer e influenciar a totalidade do movimento feminino.

O movimento feminino não possui homogeneidade. Ele está dividido em classes sociais, pois existe um movimento feminino composto fundamentalmente por mulheres das classes privilegiadas, bem como outros compostos por mulheres trabalhadoras. Da mesma forma, as ideias defendidas pelas diversas organizações e tendências são variadas: “liberais”, “radicais”, “existencialistas”, “marxistas”, “anarquistas”, “socialdemocratas”, etc. Existem algumas ramificações do movimento feminino que conseguem mais espaço nos meios oligopolistas de comunicação e nos meios acadêmicos, especialmente aqueles das mulheres das classes privilegiadas, por razões óbvias (seus recursos superiores, seu acesso a pessoas, sua estrutura organizativa, sua maior bagagem cultural, suas ideologias etc.). Nesse contexto, o feminismo ganha destaque e hegemonia, tanto no interior do movimento feminino das mulheres das classes privilegiadas, quanto nos meios acadêmicos e de comunicação (GOMES, 2017, p.158).

Isso permitiu, por conseguinte, que ele se colocasse como representante dos interesses das mulheres, quando de fato, representa nada mais do que os interesses individuais, setoriais, de algumas mulheres. O feminismo não só gerou uma verdadeira confusão que culminou na indistinção entre ele e o movimento feminino — nem toda luta em favor das mulheres está ligada ao feminismo — como também criou ideologias divisionistas e favoráveis à fragmentação, dividindo ainda mais as mulheres através de suas variações (feminismo liberal, socialista, radical, anarquista, “marxista” etc.), e dos “feminismos seletivos” (negro, lésbico etc.), isto é, vertentes que são entendidas como “tipos” diferentes de feminismo.

No entanto, apesar de se falar em “feminismos”, todas as suas vertentes têm como centralidade de suas análises a mulher enquanto “sujeito transformador” (simultaneamente cognitivo e político), reduzindo a questão da mulher, bem como a realidade em geral, a uma antinomia entre mulheres e homens. Assim, podemos afirmar que “o feminismo é um reducionismo que reduz a ‘questão da mulher’, os problemas sociais, as lutas sociais, a realidade em geral, como um problema de “guerra dos sexos” ou “diferenças de gênero”, entre outros termos que significa uma oposição entre mulheres e homens” (ANDERSON, 2021, p. 10).

O feminismo apresenta uma essência que se manifesta, sem exceção, em todas as suas variantes: “as relações entre os sexos como centrais na análise, seja da realidade social em conjunto, seja de questões mais específicas ou mais especialmente da questão feminina” (ANDERSON, 2021, p. 10-11). O feminismo, ao buscar criticar o reducionismo sexista, que reduzia a mulher apenas a uma fêmea humana — “um objeto de desejo sexual e responsável pela reprodução da espécie” (ANDERSON, 2021, p.20) — acabou por gerar um reducionismo feminista que, se por um lado, a mulher é apresentada apenas em sua diferenciação com o homem e nunca em sua semelhança, por outro, é evidenciado apenas as semelhanças entre todas as mulheres, mas nunca suas diferenças. Por conseguinte, a mulher aparece sempre como a “oprimida” e subjugada e o homem como o “opressor” e dominador, criando, por conseguinte, a fantasiosa ideia de que os problemas das mulheres derivam da sua relação com os homens. Todas as mulheres, portanto, deveriam se unir para superar sua situação de “sujeição” aos homens (ANDERSON, 2021).

Todavia, esse reducionismo isola as mulheres, assim como sua relação com os homens do todo das relações sociais, ignorando que o ser mulher e o ser homem está intimamente condicionado a um determinado contexto social e histórico, ou seja, é perpassado pela forma como a sociedade se organiza para produzir e reproduzir a sobrevivência humana. Tanto as mulheres quanto os homens são serem humanos biopsíquicosociais, ou seja, a constituição dos ethos sexuais (masculino e feminino) tem uma base que é orgânica, psíquica e social. Mulheres e homens possuem semelhanças e também diferenças, a questão é como essas diferenças, que são naturais, são interpretadas e tratadas socialmente (VIANA, 2017).

O feminismo criou uma imagem “falsa” da mulher e, por conseguinte, da questão feminina, bem como de toda a realidade. Ao evidenciar mais as semelhanças entre as

mulheres, ignorando as diferenças (de idioma, costume, raça, religião, etnia, classe etc.), acabou por gerar uma verdadeira ilusão acerca da situação da mulher, colocando a determinação fundamental dos seus problemas na sua relação com os homens. O homem aparece quase sempre como o grande vilão, já a mulher, como o ser “oprimido” que luta para superar sua situação de subordinação se tornando igual ou superior a ele.

O problema [...] é isolar e absolutizar as lutas femininas. Isso leva a identificar a causa dos males femininos nos indivíduos do sexo masculino em geral, bem como ver apenas os “defeitos” masculinos e não os femininos (a reprodução da sociedade também é realizada pelas mulheres em todas as instâncias, inclusive na própria relação entre os sexos e os ethos sexuais criam limitações e problemas, bem como méritos, em ambos os sexos). O que se questiona aqui é, fundamentalmente, o isolamento das lutas femininas (gerado por diversos motivos, sendo a hegemonia burguesa a principal responsável por isso), o que gera não somente conflitos e maniqueísmos desnecessários (ANDERSON, 2016) em alguns casos mais drásticos, como também adesões a governos, ideologias, propostas, que ao invés de contribuírem com a emancipação da mulher, acabam servindo para reprodução da sua opressão (VIANA, 2019, p. 11-12).

No lugar da libertação das mulheres o que se tem é uma competição entre estas e os homens.

A sociabilidade capitalista gera uma mentalidade burguesa que se torna dominante na sociedade capitalista. [...] A mentalidade competitiva se exacerba na contemporaneidade. Isso vai ser apresentado sob forma explícita por alguns, que não temem em revelar sua preocupação central com a competitividade, empreendedorismo, ganhar a competição, sucesso, riqueza, fama, poder etc. [...] Assim, os indivíduos da sociedade capitalista são competitivos, com raras exceções, e geralmente variando no grau e na intensidade em que a mentalidade competitiva se manifesta. [...] A busca por vantagens competitivas individuais é gerada pela mentalidade competitiva e interesses pessoais e voltada para vencer a competição social e conquistar poder, dinheiro etc. No capitalismo contemporâneo, esse processo é intensificado e se torna hegemônico nos movimentos sociais. Esses interesses pessoais e imediatistas promovem não a recusa, crítica ou superação do capitalismo, mas a busca por vantagens competitivas no mercado e na sociedade capitalista (VIANA, 2017a, p. 58-59).

A competição, para as feministas, seria “vencida” cada vez que se consegue maior presença nas instituições, mais cargos, status, reconhecimento, mais “protagonismo”, maior “representatividade”. Contudo, vale ressaltar que nem todas as mulheres, mas tão somente algumas, alcançarão a ascensão social e ganharão a competição social. Numa sociedade marcada pela competição, mercantilização e burocratização das relações sociais, acreditar que políticas compensatórias, reformas graduais e setoriais atingirão todas as mulheres não

passa de uma ilusão, por parte de algumas, mas sobretudo, de oportunismo, conveniência por parte de outras tantas feministas (VIANA, 2019, ANDERSON, 2021).

[...] o processo competitivo se torna cada vez mais intenso nos movimentos sociais (o que ocorre na sociedade como um todo, mas nesse caso é emblemático, já que originalmente seriam setores contestadores das relações sociais existentes). Os indivíduos competitivos, as relações competitivas etc., se expandem e dificultam a unificação do próprio movimento social. Há setores competitivos, compostos por diversas organizações e interesses, gerando distintos discursos e a dicotomia entre objetivo declarado e objetivo real. Essa competição interna entre os movimentos sociais ou dentro de um movimento social específico acaba sendo reforçado pela luta política com os setores não-competitivos (as tendências revolucionárias no interior dos movimentos sociais), bem como pela competição “espontânea” de indivíduos, derivada de seus interesses pessoais. A busca por vantagens competitivas, por sua vez, traz a necessidade de discursos, ideologias, doutrinas, propostas políticas etc., que possam justificá-la e legitimá-la. Isso acaba gerando tanto o microrreformismo quanto o imaginário conveniente (VIANA, 2017, p. 60-61).

O feminismo, que surge na sociedade moderna com a pretensão de ser um instrumento de libertação das mulheres, na verdade, não passa de um instrumento de luta de algumas mulheres. Ao enfatizar a unidade da condição feminina, ignorando que esta também é perpassada por diferenças, na qual tem destaque a diferença de classes sociais — as mulheres de distintas classes sociais possuem modos de vida, costumes, interesses, valores também distintos — o feminismo criou uma “falsa” mulher e, por conseguinte, uma “falsa” realidade (unidade entre as mulheres, ignorando as diferenças sociais), onde situações (o sexismo, por exemplo) e soluções reais (superação do capitalismo), aparecem de forma invertida gerando a “guerra dos sexos”. Assim, a questão das relações entre os sexos aparece como forma de luta, ignorando o que realmente importa, a relação entre as classes, a luta de classes (ANDERSON, 2021).

A ideologia feminista da “guerra dos sexos”, fundamentada na diferenciação de sexo e numa suposta unidade entre as mulheres, por um lado, e oposição aos homens, por outro, desconsidera a unidade de classe entre mulheres e homens (e a diferença de classes entre as próprias mulheres), bem como ignora que as relações sociais entre ambos são constituídas sob formas historicamente determinadas. Nesse sentido, o feminismo promove o afastamento da mulher da luta revolucionária, propondo para o fim da subordinação da mulher, do sexismo e dos demais problemas derivados daí, soluções (no âmbito cultural, legislativo) no interior da própria sociedade capitalista. Apesar de se apresentar como

“revolucionário”, o feminismo não aponta para a transformação social radical. O que ele faz é afastar a mulher da luta revolucionária, tornando-a uma mera reformista (ANDERSON, 2021).

O isolamento das lutas femininas significa o apoio à sociedade capitalista e tudo que ela significa, para mulheres e homens. Um bilhão de seres humanos (mulheres, homens, crianças) estão passando fome, ou seja, sem a satisfação da mais básica necessidade corporal, a alimentação. Isso diz muito sobre essa sociedade do desperdício e do consumismo e revela sua racionalidade: o cálculo mercantil. O “silenciamento”, para usar termo agradável aos ouvidos “feministas” sobre essa situação que atingem milhões de mulheres, revela o isolamento da luta e o reducionismo ideológico. Esse isolamento que promove, simultaneamente, um abandono da utopia e da meta de libertação humana total e o afastamento da luta de classes, ou seja, da luta proletária, essencial para a constituição de uma nova sociedade, são apenas consequências desse processo. A luta especificamente feminina é importante, bem como as lutas das classes desprivilegiadas, mas o seu isolamento faz perder o senso de realidade e até sua importância, pois acaba se tornando elemento de reprodução da situação que gera o que ela combate. A mulher que morre de fome não é isolacionista e a feminista isolacionista não morre de fome (VIANA, 2019, p. 12).

As lutas feministas, que aparecem como comuns a todas as mulheres são, na verdade, voltadas para interesses de algumas mulheres. Além disso, apontam tão somente para os seus “efeitos”, mas nunca para sua real “causa”, a sociedade de classes (o capitalismo). Assim, o feminismo passa a ilusão de que os problemas que atingem as mulheres podem ser solucionados no interior do capitalismo sendo, portanto, suficiente atacar somente alguns de seus aspectos. O feminismo ignora que a questão das relações sociais entre os sexos é bem mais complexa, que ela remete a problemas sociais bem mais amplos, tais como o processo de exploração de classe e tudo que deriva daí.

Posto isto, podemos dizer que a ideologia da “guerra dos sexos”, criada pelo feminismo, não passa de uma ilusão, sendo, portanto, um obstáculo para a luta pela libertação da mulher, bem como de toda a humanidade. O feminismo não apresenta solução real para a questão da mulher, só aponta os “efeitos” (de forma ideológica), propondo paliativos, tais como as microrreformas, que nada resolvem a situação das mulheres, mas tão somente contribuem com sua permanência, uma vez que ofusca sua verdadeira essência.

A base ideológica do microrreformismo é o paradigma subjetivista² e ideologias diversas, como o pós-estruturalismo, a ideologia da identidade, a ideologia do gênero, etc. As reivindicações concentram-se em questões

² Sobre o paradigma subjetivista e os demais paradigmas, c.f.: *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (VIANA, 2019).

que atendem apenas a determinados grupos, visando uma integração vantajosa na sociedade burguesa. A sua influência nos movimentos sociais e grupos da sociedade civil revela um posicionamento que pode ser qualificado de “neoliberal progressista”, que é a forma contemporânea do liberalismo-democrático, já que é um complemento das políticas neoliberais. As políticas de ação afirmativa, de cotas, de mudanças legislativas, é o escopo de atuação dos adeptos do microrreformismo. Outro ponto forte de atuação dos adeptos do microrreformismo é a busca por recursos financeiros para a defesa de tais propostas, criando grupos acadêmicos, ONGs e outros que atuam no sentido de atender seus próprios interesses e falando em nome de determinado grupo social. Assim, o microrreformismo se manifesta através de grupos acadêmicos e ONGs, que criam seus próprios interesses e reproduzem a política governamental, inclusive cooptando diversos indivíduos oriundos de grupos oprimidos ou conquistando adesão destes para sua causa microrreformista e que atende o interesse de uma minoria e não propõe a transformação social ou mesmo uma transformação situacional do grupo como um todo. Aqui há um complemento das políticas estatais segmentares e interesses de setores vinculados aos movimentos sociais e falam em nome dos grupos sociais de base para manter seus próprios interesses. Isso vale inclusive para intelectuais nas universidades que fazem discurso sobre “negritude”, “identidade”, “gênero”, para satisfazer seus interesses pessoais de financiamento de pesquisas e reconhecimento acadêmico. Aqui, as políticas estatais de cooptação fornecem um complemento. A partir da ideologia neoliberal, as políticas segmentares são paliativos que atendem interesses segmentares e não universais e são menos onerosas. É uma política de cooptação via Estado, empresas, academia. A ideologia do gênero, as ações afirmativas, políticas de cotas etc. são promovidas pelo próprio aparato estatal, que através do aparato educacional e comunicacional, disseminam ideologias, doutrinas, propostas políticas, de caráter microrreformista, ao mesmo tempo em que financia grupos acadêmicos e produções intelectuais para legitimar, justificar, reforçar o microrreformismo (VIANA, 2017, p. 61-62).

Assim, “ao invés de situações e soluções reais, o artificial aparece como forma de luta que, no fundo, não muda nada. Claro, muda para algumas mulheres” (ANDERSON, 2021, p. 27-28).

O feminismo é uma prisão ideológica, sendo, portanto, um problema e não uma solução para a situação das mulheres. Ele é um entrave, um obstáculo que deve ser superado. A libertação total e radical da mulher pressupõe a superação do feminismo (ANDERSON, 2021). A superação do feminismo é de fundamental importância para a luta das mulheres trabalhadoras, pois somente assim, poderão constituir um movimento autônomo e independente, no qual os interesses de classe estejam acima dos interesses particulares, pois, é somente através da transformação social total e radical da sociedade que as mulheres poderão se libertar.

Referências

- ANDERSON, Stella. *Crítica ao Feminismo: a Ideologia Feminista como Prisão Feminina*. Goiânia: Edições Redelp, 2021.
- GOMES, Marcus. Movimento Feminino e Feminismo. *Movimentos Sociais*, v. 2, n. 03, 2017. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/768>.
- VEIGA, Jaciara. A Concepção Marxista de Movimento Feminino. In: *Anais do Seminário do Nemos: Movimentos Sociais e Sociedade Moderna*. Anais...Goiânia(GO) UFG, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/movsoc2020/300359-a-concepcao-marxista-de-movimento-feminino/>.
- VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.
- VIANA, Nildo. Ethos Sexuais e Sociedade. In: *Informe e Crítica*. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2017/02/ethos-sexuais-e-sociedade.html>.
- VIANA, Nildo. Vantagens Competitivas, Microrreformismo e Imaginário Conveniente - A integração dos movimentos sociais no capitalismo contemporâneo. *Espaço Livre*. v. 12, n. 24, jul./dez., 2017b. Disponível em:
<http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/749/655>
- VIANA, Nildo. As Desventuras do Feminismo. *Marxismo e Autogestão*, ano 06, n. 09, 2019d. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/634/574>.
- VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês: Episteme Burguesa e Episteme Marxista*. Curitiba: CRV, 2018.

Texto aprovado para publicação em 29 de junho de 2021.